



## HIPERSEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DE VIOLÊNCIA E EXPLORAÇÃO NATURALIZADA NO BRASIL

Joyce Aiane Bezerra Silva<sup>1</sup>  
Kaiser Jackson Pereira de Sousa<sup>2</sup>

### RESUMO

O trabalho discorre sobre a análise da imagem da mulher Negra na sociedade brasileira fazendo uma breve síntese histórica dos impactos da escravidão no período colonial, assim como esses contribuíram para a objetivação do corpo da mulher negra, deixando marcas de opressão, violência e exploração sexual, naturalizando a hipersexualização da mulher negra no corpo social brasileiro. A pesquisa é fruto de estudos e análises bibliográficas, que tiveram como temas norteadores o processo de colonização, a representação da mulher negra na sociedade, as relações afetivo-sexual no Brasil, sexualização da mulher negra, e as condições das mulheres negras no Brasil colônia, a partir de autores e autoras Julia Baseggio, Maria Texeira, Djamila Ribeiro, Gilberto Freyre dentre outros que abordam a temática. Além de estudos das imagens de mulheres negras na internet, vídeos no youtube, letras de músicas, minisséries e filmes. Com isso, este trabalho objetiva apresentar e discutir como ocorreu o processo de depreciação e hipersexualização do corpo da mulher negra, no período colonial de escravidão no Brasil. Trazendo elementos de como a colonização com sua forte exploração sexual, marcou a vida das mulheres negras perpassando até os dias atuais, gerando e influenciando na representação das mesmas na sociedade, manipulando suas relações em uma sociedade racista e opressora, que reforça esses estigmas, desvaloriza e invisibiliza a mulher negra assim como o seu corpo.

**Palavras-chave:** Mulheres negras, Hipersexualização, Escravidão, Colonização.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – IFRN, [joyceaiane379@gmail.com](mailto:joyceaiane379@gmail.com);

<sup>2</sup>Prof. Mestre do Curso de Lic. em Química do IFRN – Campus Pau dos Ferros, [kaiser.sousa@ifrn.edu.br](mailto:kaiser.sousa@ifrn.edu.br)

## INTRODUÇÃO

Vivemos em sociedade opressora que segrega grupos, desde o período da colonização perpetuando até os dias atuais, na qual, identificasse que o grupo que mais teve impactos com esse sistema, são as mulheres negras, que tiveram suas histórias omitidas pela sociedade, sua identidade menosprezada, um passado insignificante, que para grande parte das pessoas não tem muita importância.

Sabe-se que a população Negra teve grandes contribuições na formação da sociedade brasileira. Mas, no entanto, sua cultura, religião, identidade foram marginalizadas. O Brasil é visto em diversos espaços como o país da miscigenação, contudo, o que não se evidencia, como também não se cita, é que essa miscigenação e formação populacional é historicamente resultado de violência sexual com as mulheres negras, uma nação construída a partir de estupros.

“A colonização realizada por homens, quase sem mulheres brancas, fez com que as negras, junto com as índias e as mulatas fossem as responsáveis por multiplicarem a mão de obra colonial. Ao relacionar-se com senhores de engenhos e grandes proprietários, ou até mesmo com os filhos jovens destes, as mulheres escravizadas geravam filhos bastardos que serviriam como força produtora da monocultura colonial brasileira.” P.5

O período de colonização marcou a vida das mulheres negras, originando e cristalizando estereótipos, na sociedade brasileira, que marcam, desvaloriza e afeta a população negra até hoje. O preconceito, racismo e negação acompanham a população negra desde 1500. Sobretudo as mulheres negras, que libertas das algemas continuam escravas da sociedade, que hipersexualizam seus corpos, naturalizam uma identidade que não é sua.

O corpo da mulher negra é visto e manipulado como um pedaço de carne barata, assim como na canção de Elza Soares (2002), “A carne mais barata do mercado É a carne negra.” Onde a mesma é menosprezada, subordinada a uma realidade cruel, de cor e raça, violentada, com discurso racista, machista de que “elas gostam”. Um corpo que desde o período de colonização e escravidão, não é seu.

Diante disso, esse trabalho objetiva abordar esse processo de violência e exploração sexual, no período colonial, e como esse refletiu na hipersexualização da mulher negras nos dias atuais, trazendo elementos que mostram como essa naturalização manipulou as relações como também, a imagem da mulher negra na sociedade brasileira.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica, tendo como objeto de estudo aprofundado o livro *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, para análise da visão da construção da identidade da mulher Negras no período colonial. como também, foram realizadas pesquisas em artigos e referências auxiliares.

Para além disso, foram realizadas pesquisas e observações a partir de telenovelas, minissérie, filmes e programas de TV, com intuito de analisar e problematizar a visão e papel da mulher nesses espaços.

## **RESULTADO E DISCUSSÃO**

O processo de colonização do Brasil se deu por meio de invasões e escravidão. Inicialmente com os Índios, e com o insucesso da mesma, iniciou o processo de escravidão dos africanos, passando a ser a principal atividade no período colônia. Com isso estabeleceu o tráfico Negreiro no Brasil, na qual, milhares de Negros e Negras eram transportados arbitrariamente de seu território, em condições de escravos e em circunstâncias precárias, expostos a doenças, morte, fome.

Os povos negros escravizados, eram vistos apenas como mão de obra, trabalho forçado e pesado na lavoura, pertencentes a seus senhores, de modo que homens e mulheres desempenhavam os mesmos trabalhos, de maneira igual, desprezando a questão biológica de força. De maneira que, as mulheres negras desde a época colonial até os dias atuais, são vistas como as que possuem maior resistência e suporta dor.

Sendo assim os corpos dos escravos pertenciam aos seus donos comparados e relacionados como animais, desde o processo de compra até sua permanência. Dessa maneira os brancos donos de escravos manifestavam todas suas vontades com os corpos dos negros, sobretudo com as mulheres negras, na qual são as mais afetadas. Sobre essa afirmação OLIVEIRA (2016), relata que as mesmas eram,

Tratadas biologicamente em paridade com os homens negros escravizados, eram forçadas a fazer os mesmos trabalhos braçais, por exemplo. Esse processo histórico se reflete hoje no imaginário social, tendo em vista que não raro percebe-se uma expectativa de que as mulheres negras sejam mais fortes do que as mulheres brancas, suportando, inclusive, de modo diferente, a dor. Outro estereótipo vinculado às mulheres negras se refere à naturalização da sua disponibilidade sexual, vulnerabilizando-as para situações sexuais mais opressivas. (p.3)

As mulheres negras além de desempenhar as atividades no campo, eram expostas constantemente a opressão e exploração sexual de seus senhores e filhos dos mesmos, na qual, resultou na responsabilização da mulher negra pela depravação da vida sexual da população brasileira. Originando o estereótipo de sexualidade da mulher Negra, perpassando essa visão errônea até os dias de hoje.

A escravidão para as mulheres negras foi visada, e se concedeu de maneira dupla, com intuito de renda e lucro, e como objeto sexual. Percebe-se esse ocorrido no fim do comércio de escravos, onde as mulheres além de trabalhar no campo, ser concubina na casa grande exerciam agora papel de reprodutora, segundo Oliveira (2016), “No momento em que o comércio de escravos começou a ser extinto, os senhores de escravos começaram a explorar não só o papel de trabalhadoras, de suas escravas, mas também o de reprodutoras: as chamadas “breeders. ” (p.4)

As mulheres que davam à luz, não possuíam descanso, continuavam a acordar no mesmo horário e eram obrigadas a desempenhar as mesmas atividades com a mesma frequência. Deixando seus filhos em condições precárias e salubres nas senzalas, ou então leva-los para o trabalho, amarrados na sua coluna, mas sem interferir na sua produção.

Dessa maneira as mulheres negras eram expostas a diversas doenças, pela violência sexual, que ocorria com as mesmas fazendo uma mistura de várias etnias, sejam as mesmas ou diferentes. As mesmas desempenhavam o papel de cuidadoras dos filhos dos senhores, da casa, como também concubinas nas casas grandes, e eram responsáveis por realizar a primeira relação sexual dos filhos dos senhores, sobre essa afirmação FREYRE (2003) relata um caso onde,

Um jovem de conhecida família escravocrata do Sul: este para excitar-se diante da noiva branca precisou, nas primeiras noites de casado, de levar para a alcova a camisa úmida de suor. impregnada de budum . da escrava negra sua amante. Casos de exclusivismo ou fixação. Mórbitos, portanto; mas através do s quais se sente a sombra do escravo negro sobre a vida sexual e de família do brasileiro. (p.192)

Percebe-se então a dominação sexual existente, que era comum no período colonial. A cultura e religião europeia eram rígidas em relação a sexualidade, os europeus então, viram nas mulheres negras uma forma da prática da poligamia, e realização de suas vontades sexuais. A sexualidade e cultura africana despertaram o interesse sexuais dos europeus. No entanto os povos africanos não possuem traços citados pelos europeus, de depravação sexual, como afirma FREYRE (2003)

Passa por ser defeito da raça africana, comunicado ao brasileiro, o erotismo, a luxúria, a depravação sexual. Mas o que se tem apurado entre os povos negros da África, como entre os primitivos em geral já o salientamos em capítulo anterior - é maior moderação do apetite sexual que entre os europeus. É uma sexualidade, a dos negros africanos, que para excitar-se necessita de estímulos picantes. Danças afrodisíacas. Culto fálico. Orgias. Enquanto no civilizado o apetite sexual de ordinário se excita sem grandes provocações. Sem esforço. (p.207)

É notório que a ideia de vulgaridade e excessos sexuais originou estereótipos enraizados na sociedade sobre a população negra, sobretudo para mulheres negras, com a hipersexualização de seus corpos, que vem a desempenhar papéis, lugares e imagens manipuladas e muitas vezes decisivas em suas vidas.

Observa-se que a imagem da mulher negra é invisibilidade, e quando a mesma aparece é atrelado a sensualidade, mulheres exóticas. As mulheres de forma geral sofrem com os padrões exigido pela mídia e sociedade, no entanto, as mulheres negras são as mais afetadas, tendo em vista que as mesmas sofrem com racismo, preconceito, pobreza, opressão e hipersexualização de seus corpos desde o período colonial.

As mulheres negras são as que menos casam ou possuem uma união, no censo realizado pelo “Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, apresenta dados sobre a mulher negra brasileira que chamaram a atenção. O levantamento apontava que, à época, mais da metade delas – 52,52% – não vivia em união, independentemente do estado civil”, percebe-se então, os impactos gerados pelos estereótipos do período colonial, a solidão da mulher negra.

Desse modo a mulher negra não se encontra em condições na visão da sociedade para um casamento, pois este está destinado a mulheres brancas que tem sua sexualidade reprimida, é religiosa e do lar. “E se a mulher negra é representada como objeto sexual e alvo fácil de investidas para a prática do sexo, por outro lado ela não é percebida como a mulher ideal para manter relacionamentos afetivos mais sérios e duradouros, ou mesmo para o casamento.” (FREITAS, 2011. p.12)

A mulher negra desde a colonização é vista sem pudor com liberdade sexual, esta então é apenas para satisfação de prazeres sexuais, originando o ditado de “mulher para casar e outras para sexo”. FREITAS (2011) relata que:

A dupla moral, característica da sexualidade brasileira até os dias de hoje, se manifestava no fato de que, entre outras coisas, o senhor, por pudores e preceitos religiosos, se reprimia sexualmente com a esposa branca – figura destinada exclusivamente à reprodução – mas, geralmente, não tinha freios no relacionamento com as escravas, tidas como meros objetos. (p.65)

Essa imagem da mulher negra reflete nos dias atuais em múltiplos espaços, marcas de um sistema opressor e escravocrata que consolida ainda mais esses preconceitos sobre a sexualidade da mulher negra, verifica-se esse fenômeno nos programas televisivos, na internet, no mercado de trabalho, na mídia, letras de músicas, entre outras ferramentas de comunicação. Como no carnaval na exposição da glorieza, na qual geralmente é representado por uma mulher negra, nua ou seminua, mostrando seu corpo de maneira que nos remete a exaltação de sua sexualidade e prazer.

Em diversos espaços evidencia-se as representações das pessoas negras, em um trecho da uma análise da minissérie “Sexo e as negras”, a autora MAIA (2016) relata que:

Fica evidente, ao longo dos 13 capítulos da minissérie, que boa parte dos estereótipos negativos acerca da mulher negra, seu corpo e sua sexualidade são reforçados. Primeiramente é possível pensar nos corpos negros que são evidenciados e aqueles que são ocultados, na sexualidade permitida e aquela que é apenas sugerida, mas nunca exposta. (p.23)

Percebe-se então, a sucessão dos acontecimentos ocorrido na época colonial sendo evidenciando nos programas televisivos até hoje, reforçando os estigmas da sexualidade da mulher negra, como uma opção e vontade da mesma, generalizando algo que não é verídico, já que, não se aplica a todas as mulheres negras. O que ocorreu no período colonial foi exploração e atos em um processo de escravidão, as mulheres negras eram exploradas sexualmente. Posteriormente a autora MAIA (2016), novamente mostra como a mulher negra é retratada na minissérie, na qual,

A personagem Soraia, que incorporaria a “mulata ferosa”, tem vários parceiros ao longo da trama, mas nenhum permanente. O apelo sexual aparece mesmo nos locais de trabalho. Ela tem o corpo exposto com mais frequência que as demais personagens, sendo as cenas de sexo mais explícitas. Ela é a expressão de um dos estereótipos mais conhecidos, o da negra sensual. É possível apontar o fato de que o corpo da personagem em questão é exposto o tempo todo, não para ser um referencial de beleza, mas sim, por ser hipersexualizado. (p.23)

A hipersexualização da mulher negra é algo que está enraizado na sociedade, de forma discriminatória, racista, machista e opressora. De modo que até fatos verídicos são distorcidos ou invisibilizados. Como o filme *Chica da Silva*, na qual “Chica da Silva foi uma mulher que alcançou outros postos de trabalho dentro da lógica escravocrata colonial brasileira, mas sua ascensão e vida foram reduzidas a atributos sexuais.” (OLIVEIRA, 2010. p.10)

Identifica-se então, que o Brasil se caracteriza por um País racista e preconceituoso, que desqualifica a sexualidade da mulher negra. Fazendo uma análise da imagem da mulher negra na esfera virtual, percebe-se que ao digitar na barra de pesquisa do google “mulheres negras”, observa-se que as imagens que aparecem estão relacionadas a sexualidade da mulher. Fotos mostrando os seios, ou aparentando que está sem roupas, são imagem que evidenciam a sexualidade da mulher negra, percebe-se em algumas fotos que seu título é mencionando a beleza e a mulher negra como exótica.

Dessa forma, verificasse a naturalização da hipersexualização do corpo da mulher negra, em uma sociedade racista, machista e opressora, onde o corpo da mulher negra é desvalorizado, visto como objeto como observado em um vídeo publicado na internet, na qual identifica-se piadas de cunho sexual, no qual, quando o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes (PMDB-RJ), ao fazer a entrega de um imóvel a Rita (mulher negra), refere-se a mesma de forma desrespeitosa,

Ao chegarem no quarto, Paes diz: “Vai trepar muito aqui nesse quartinho”. Não satisfeito, pergunta se a moça é casada e emenda: “Vai trazer muito namorado pra cá. Rita faz muito sexo aqui”. Como se a humilhação não fosse suficiente, Paes, do lado de fora, grita para os vizinhos da moça que acompanhavam a entrega. “Ela disse que vai fazer muito canguru perneta aqui. Tá liberado, hein. A senha primeiro”. Visivelmente envergonhada, a moça se afasta e diz que vai trancar a porta de casa. (RIBEIRO, 2016. P.1)

Analisa-se que essa ideia e forma de tratamento são reproduzida em todos os âmbitos, de forma natural, o corpos das mulheres negras são sempre evidenciados a sexualidade, de modo que as mulheres negras são o grupo que mais são vítimas de estupro e assédio, muitas pessoa utilizam essa naturalização para essas práticas com a justificativa que as negras gostam, que são quentes, traços do processo de colonização, e escravidão que marcam a vidas de pessoas negras, “depreciam e sexualizam a mulher negra, classificam a pessoa em um corpo.” (TEIXEIRA, 2017. p.6)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da imagem da mulher negra na época colônia perpassa até os dias atuais, na qual formou-se uma representação hipersexualizada, pautada na exaltação da sexualidade, em todos os espaços. Refletindo no mercado de trabalho, nas relações afetivas, sociais, sua imagem é invisibilidade nos espaços, e ao mesmo tempo é evidenciada sua sexualidade.

A mulher negra é então vítima de um sistema opressor desde o início da civilização brasileira, estando exposta a violência, racismo, machismo, são as que mais são vítimas de estupros, dessa maneira torna-se indispensável o combate contra esse sistema opressor que denigre a imagem da mulher negra. De acordo com o INSTITUTO PATRICIA GALVÃO (2015):

A reflexão sobre a imagem das mulheres também é uma parte importante do enfrentamento a estereótipos discriminatórios que autorizam violências. No caso específico das mulheres negras, no Brasil, esses estereótipos são agravados pela carga histórica escravagista de objetificação e subalternidade que reforçam mitos racistas como o da mulher negra hipersexualizada sempre disponível. (p.5)

É necessário fazermos um processo de autocrítica sobre nossas maneiras de agir e pensar, fazer uma análise nas músicas, piadas e ditados populares que ouvimos, tem-se que ser realizado constantemente reflexões sobre a imagem da mulher negra em nossa sociedade, de modo que haja uma desconstrução, dessa hipersexualização da mulher negra, e uma valorização da mesma, na sociedade.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus que me permitiu a oportunidade de chegar até aqui, o longo de minha jornada de vida. Agradeço a Instituição IFRN, e os docentes do curso de Licenciatura em Química. Agradeço a CAPES pelo fomento da bolsa e participação do Programa de Iniciação à Docência – PIBID, ao qual possibilitou a oportunidade de realizar essa pesquisa e construir esse trabalho, assim como a todos que de forma direta ou indiretamente contribuíram para realização dessa pesquisa, meus sinceros obrigada.

## REFERÊNCIAS





ARRAES. Anna Beatriz Anjos e Jarid. A solidão tem cor. In: **revista Forum**. Set. 2015.

BASEGGIO, Julia Knapp; SILVA Lisa Fernanda Meyer da. AS CONDIÇÕES FEMININAS NO BRASIL COLONIAL. In: **Revista Maiêutica**; v. 3, n. 1. 2015. p. 19-30.

FREYRE, Gilberto. O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro. In: FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. ed. Recife-pernambuco-brasil: Global Editora, 2003. Cap. 4. p. 1-375.

FREITAS; Marcel De Almeida. O cotidiano afetivo-sexual no brasil colônia e suas consequências psicológicas e culturais nos dias de hoje. In: **Ponta de Lança**, v. 5, n. 9. 2011.

GÉLEDES. **O corpo da mulher negra como pedaço de carne barata**. 2015. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/o-corpo-da-mulher-negra-como-pedaco-de-carne-barata/>>. Acesso em: 13/03/2019

INSTITUTO PATRICIA GALVÃO. **Violência e Racismo**. In: **Violência contra as mulheres**. 2015. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-eracismo/#assedio-sexual-e-mulheres-negras>>. Acesso em: 13/03/2019

MAIA, Camila Pereira; SILVA, Roberto Jardim da. SEXO E AS NEGAS: EMPODERAMENTO OU REFORÇO DOS ESTEREÓTIPOS DAS MULHERES NEGRAS NA MÍDIA. In: **Caderno de Gênero e diversidade**. V. 02; N. 01. Jan. – Jul; 2016.

OLIVEIRA, Gabriela Almeida de. **Mulheres Negras: Corpos em Luta**. Brasília/DF. 2016.

RIBEIRO, Djamila. **‘Vai Trepas Muito no Quartinho’**: Paes e a desumanização da mulher negra. 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/201cvai-trepas-muito-nessequartinho201d-paes-e-a-desumanizacao-da-mulher-negra>>. Acesso em: 13/03/2019



TEIXEIRA, Maria Santana dos Santos Pinheiro; QUEIROZ, Josiane Mendes de.  
**CORPO EM DEBATE: A OBJETIFICAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO DA MULHER  
NEGRA.** Salvador – BA. Set. 2017.